O APOLÍNEO E O DIONISÍACO NA OBRA "O NASCIMENTO DA TRAGEDIA", DE NIETZSCHE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

Railton Pereira Gomes[1]

Prof. Dr. José Pedro Luchi[2]

RESUMO:

O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo compreender de forma clara o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, quanto às pulsões do "Dionisíaco" e "Apolíneo", como ele trata as "pulsões do espírito humano", a individuação apolínea privilegiada na modernidade é submetida a embriagues criativa de Dionísio, das fontes dionisíacas. E a partir delas lançar um olhar para a realidade humana, trabalhando os aspectos do "absurdo da vida" e do "acaso dos fatos". Tendo por base a obra *O Nascimento da Tragédia*, reconstruiremos aspectos centrais de sua obra e pensamento. Partindo do pressuposto de que nessa obra está o base do pensamento do filósofo, trabalharemos pontos centrais de sua filosofia. Objetivamos uma compreensão integral do pensamento nietzschiano, tratando de forma breve de sua biografia e de pensadores que o influenciaram.

Palavras chave: Nietzsche. Dionizio. Apolo. Absurdo. O Nascimento da Tragedia.

ABSTRACT:

The present research aims to understand clearly the thought of the German philosopher Friedrich Nietzsche, as to the "dionysiac" and "apolinous" pulses, as he treats the "human spirit", the individuation And from them to look at human reality, working the aspects of the "absurdity of life" and the "chance of the facts." Based on the work the birth of tragedy, we will rebuild central aspects of his work and thought. Starting from the assumption that in this work is the basis of philosopher's thought, we will work central points of its philosophy. We objectified an integral understanding of Nietzschian thought, treating briefly of his biography and thinkers who influenced him.

Keywords: Nietzsche. Dionizio. Apollo. Absurdity. The Birth of Tragedy.

[1] Graduando do Curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano de Vitória. E-mail: pereirarailton6@gmail.com

[2] Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Montes Claros (1979), graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1985), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universita Gregoriana (1989) e doutorado em Filosofia pela Pontificia Universita Gregoriana (1999). Filosofia: filosofia da ciência. E-mail: JLuchi@souunisales.com.br

1 INTRODUÇÃO

Pretendemos, explicitar as pulsões do espírito humano, como trata o filósofo alemão Nietzsche, o dionisíaco e o apolíneo, tendo por base a obra que destaca tal questão, *O Nascimento da Tragédia* (1996). E a partir dessa, destacar algumas visões do filósofo, como o acaso dos fatos e o absurdo da vida, temas que estão diretamente ligados a essas pulsões.

Além disso buscamos apresentar o pensamento do alemão, de forma clara, destacando os pontos supracitados, e compreendendo sua perspectiva, intencionamos entender sua relevância para o pensamento e para a sociedade. Desse modo, discutiremos de forma breve de sua vida e as bases de seu pensamento, fazendo uma breve explanação de sua vida, entendemos como a origem ou o que impulsionou o pensador a ver as coisas como ele apresenta.

Para o desenvolvimento do presente trabalho de pesquisa evitamos formular hipóteses, ao passo que fizemos um estudo de uma obra especifica e conceitos nela contidos. Entretanto, dissertaremos a partir de pressupostos, entendido como significa: aquilo que se supõe antecipadamente. Assim, compreendemos que a vida do Nietzsche influenciou de modo marcante em sua forma de pensar, e consequentemente seus escritos, de modo semelhante sofreu influência de alguns pensadores. E por fim, com a noção de que o pensamento de Nietzsche é todo conectado e que a base está contida na obra em que empreendemos nossos estudos, o *Nascimento da Tragédia*.

Em nosso trabalho discutimos acerca das pulsões do dionisíaco e do apolíneo, em suma. Onde para o filólogo são pulsões que governam a vida e a arte, sendo que o apolíneo é a racionalidade, a forma, o limite, o dionisíaco é o seu contrário. Para Nietzsche ambos têm sua relevância e a união desses gera a vida. Além disso através da tragédia cênica ele buscava fazer uma crítica à sociedade moderna e restaurar os valores vitalizantes gregos. Diante disso pensamos tais questões.

Nosso trabalho se justifica, não só pela sua relevância para o pensamento acerca da sua produção, das suas obras nietzschianas, mas também para pensar a sociedade, a vida e o ser humano.

Portanto, utilizamos do método de pesquisa bibliográfica exploratória, a partir da obra central do nosso trabalho e de obras auxiliares das quais não aprofundamos no estudo, porém usamos de elementos importantes para o nosso estudo. Usamos em suma de material no formato pdf, mas também nos valemos de material impresso.

1.1 NIETZSCHE – GÊNESE DE SEU PENSAMENTO

Para se obter uma compreensão do seu pensamento faz-se necessário estudar sua história de vida, posto que, há alguns fatos que influenciaram de modo singular o seu pensamento. Diz Giacoia (2000, p. 9) a respeito de Nietzsche:

> Dentre os clássicos da filosofia moderna, Nietzsche talvez seja o pensador mais incômodo e provocativo. Sua vocação crítica cortante o levou ao submundo de nossa civilização, sua inflexível honestidade intelectual denunciou a mesquinhez e a trapaça ocultas em nossos valores mais elevados, dissimuladas em nossas convicções mais firmes, renegadas em nossas mais sublimes esperanças. Essa atitude deriva do que Nietzsche entendia por filosofia.

Friedrich Nietzsche foi um filosofo contemporâneo alemão e filólogo inclinado ao estudo de línguas clássicas, como o latim e o grego antigo, poeta, além de autor de uma vasta e "polêmica" obra. Seus escritos lançaram as bases e os primeiros indícios do surgimento da filosofia contemporânea. Dedicou-se a estudar a moral judaico-cristã e operou uma espécie de comparações das sociedades antes e posteriores ao cristianismo, tendo classificado este como o "fator central do enfraquecimento do ser humano" na modernidade.

A 15 de outubro de 1844, nasceu Friedrich Wilhelm Nietzsche no vilarejo de Röcken, a época Prússia. Filho de pastor luterano, seu pai morreu quando ele tinha apenas cinco anos, deixando a mãe viúva com três filhos. Muda-se para Naumburg com a sua família por questões financeiras, onde vive toda a sua infância. A sua formação teve por base uma educação rígida além dos princípios luteranos. Por motivos econômicos/financeiros, em sua adolescência, porém, o filósofo começa a traçar as primeiras indagações acerca da religião. Faz por vezes duras críticas ao cristianismo, como na obra escrita em 1888 e publicada somente 1895, "O Anticristo" é tido como a obra mais controvertida de Nietzsche, onde ele diz: "O «Evangelho» morreu na cruz." (NIETZSCHE, 1888 p.39)

Desde criança, Nietzsche demonstrava-se diferente de seus colegas, apresentando um rigor em relação aos estudos e um "comportamento de severo autocontrole". Já na infância, o pensador começou a sofrer de sérios problemas de saúde que jamais foram diagnosticados com precisão e o acompanhariam por toda a sua vida. Teve problemas de visão que levá-lo-iam à cegueira quase que total no fim de sua vida e dores de cabeça extremas que o acompanharam durante um longo tempo e fragilizaram muito a sua saúde.

Com 14 anos de idade, por seu desempenho notável, ganhou uma bolsa de estudos na Escola de Pforta, um tradicional colégio alemão. Nessa instituição aprendeu latim e grego. Por meio de seus estudos, começou também a questionar as doutrinas cristãs.

terminado os estudos básicos, o filósofo deu início aos estudos na área de teologia na Universidade de Bonn, sob influência de sua mãe. Mas, logo ele muda de curso, contrariando-a, transferindo-se para os estudos de filologia**,** voltando-se para o idioma grego. Nessa universidade conhece o professor Friedrich Wilhelm Ritschl, que incitou nele o estudo das tragédias gregas e o apresentou à filosofia do alemão niilista e pessimista, Arthur Schopenhauer.

No ano de 1867 o pensador foi convocado pelo exército alemão para servir na Guerra Franco-Prussiana, oficio que, para sua sorte, durou pouco, devido a um acidente. Mais tarde, em 1870, ele cumpre o serviço como enfermeiro, o que o leva a contrair difteria. Especula-se que a difteria e o seu tratamento, feito na época com medicamentos para náusea e o ópio, provavelmente teriam contribuído para uma piora no quadro de saúde geral de Nietzsche.

Dois anos mais tarde, aos 24 anos de idade**,** foi nomeado professor de filologia clássica da Universidade da Basileia, na Suíça, devido à sua carreira universitária brilhante. Ele foi a época o mais jovem a conseguir esse cargo. Com base nas suas pesquisas no campo filológico e com a influência das leituras do filósofo Arthur Schopenhauer e do músico alemão Richard Wagner, pessoa por quem Nietzsche mantivera uma amizade próxima e um verdadeiro sentimento de admiração, o pensador escreve a sua primeira obra em 1871, intitulada *O nascimento da tragédia.*

O laço estreito com Wagner mantém-se ao ponto de o filósofo frequentar a casa do amigo e manter uma relação estreita com o músico e sua esposa. Nietzsche, em 1876, entretanto, fende sua amizade por discordâncias intelectuais, políticas e musicais, principalmente. Que vieram à luz após a organização de um evento, feito por Wagner em celebração a sua obra, o Festival de Bayreuth.

Considerou o projeto de Wagner excessivamente nacionalista e uma espécie de massificação cultural da música, que Nietzsche sempre considerou, até então, a expressão mais genuína da cultura alemã. Nesse ínterim, abandona também a leitura de Schopenhauer por considerá-lo demasiadamente pessimista e negador da vida que, quando fortalecida, levaria o ser humano à sua plenitude, segundo o pensamento de Nietzsche.

No entremeio de 1872 e 1876, Nietzsche redigiu uma série de livros chamados de *Considerações intempestivas,* composta por quatro volumes: “David Strauss, o confessor e o escritor”; “Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida”; “Schopenhauer como educador”; “Wagner em Bayreuth”.

Nesse mesmo período escreveu *A filosofia na era trágica dos gregos* (livro incompleto e publicação postumamente) e também: *Sobre a verdade e a mentira em um sentido extramoral* (publicação póstuma). Todos os sete livros escritos até 1876 compreendem a fase denominada por alguns estudiosos de “juventude da obra de Nietzsche”.

No ano de 1878, o profeta da morte de Deus, publicou: *Humano, demasiado humano*, a sua primeira obra escrita em aforismos, estilo que caracterizou a escrita nietzschiana. “A palavra aforismo tem origem no grego aphorismós, cujo significado é limitação, definição breve, sentença” (CASTRO, Luana. Mundo educação). Esse estilo aforismático foi a solução encontrada devido à sua doença, uma vez que, não empreendia muitas horas de grande esforço intelectual, sendo uma escrita mais fácil para o autor, e que podia interromper a atividade a qualquer momento sem grandes prejuízos.

No ano subsequente, por motivos de agravos dos seus problemas de saúde, pediu demissão da universidade que trabalhava até então a Universidade da Basileia com aposentadoria. Foi conferida a ele uma pensão no valor de quatro mil marcos pelos seus serviços prestados à comunidade, o que não era muito, porém deu a ele um estilo de vida simples e errante, e assim ele viveu até 1889.

Na inquirição por tratar suas debilidades que não eram corretamente diagnosticadas pelos médicos, Nietzsche começou a agir por conta, se sujeitando a dietas rigorosas e extremamente duvidosas, e passou a viajar como um nômade, com o intuito de evitar os rigorosos invernos. Durante o inverno partia para localidades do sul da Europa, já no verão ia para o norte.

Dentre os locais preferidos de viajante do “nômade”, se destacam: Sils-Maria, na Suíça, no verão, e Turim, na Itália, quando inverno. Tentava regular sua saúde baseando no clima e na alimentação, além de tentar a cura, ou talvez o alívio, apenas, de seus sintomas, com drogas, ópio e o haxixe, como por exemplo. O que pode ter agravado seus problemas de saúde e o levado a um quadro mental muito debilitado.

No ano de 1881 Nietzsche publicou A*urora*, e um ano depois publicava *A gaia ciência*, ambos foram escritos em aforismos (Essas obras de escrita aforismática produzidas entre 1878 e 1882 compreendem a “fase intermediária do pensamento de Nietzsche”). E nesse momento, o

filósofo defronta-se com a questão do “nacionalismo”, posição política da qual ele se colocou extremamente e absolutamente contrário.

Em 1882, conheceu o psicólogo Paul Rée, que o apresentou à intelectual feminista russa, Lou Andreas Salomé. Ele se apaixona por Salomé e pede-a em casamento, porém, o pedido foi negado três vezes, e Nietzsche sofre muito emocionalmente. Ainda nesse mesmo ano, ele corta as relações com Salomé e Rée. Outrossim, o filósofo começa a redigir a obra: *Assim falou Zaratustra*, obra que condensa temas de extrema relevância para o seu pensamento, que seria a mais lida e comentada pelo seu público. Já em 1885, Nietzsche dá início ao projeto de escrita do que ele chamou: *Vontade de poder*, o que seria a sua obra magna.

Em 1886, escreve e publica o seu primeiro grande estudo sobre a moralidade, a obra: *Além do bem e do mal*. E no ano seguinte, aprofundando no tema acerca da moralidade, o filósofo escreve a *Genealogia da moral*. Ainda no ano de 1887, ele começa a redação de *O anticristo*, publicado em 1888, mesmo ano de publicação de *Crepúsculo dos ídolos* e *Ecce homo*. Já nessas últimas publicações, Ele já se encontrava afetado pela “doença mental”, tendo surtos, fortes dores e problemas diversos.

Já no ano de 1889, em Turim Itália, teve um ataque de nervos ao ver um cavalo ser chicoteado por seu dono, correndo ao encontro do animal para protege-lo. Aí começará um colapso mental que o impossibilitaria de levar a vida intelectual, até a sua morte. Hodiernamente, as especulações de biógrafos apontam que os sintomas vividos por Nietzsche eram resultantes de uma sífilis não tratada, que atingiu o seu sistema nervoso central e que muito provavelmente pode ter sido agravada pela dieta pobre que se sujeitava e pelo uso de haxixe e ópio. Nesse mesmo ano, Nietzsche ficou completamente incapacitado para qualquer atividade, ficando sob os cuidados de sua mãe e sua irmã.

Sua irmã, Elizabeth Föster Nietzsche, era assumidamente “antissemita” e, casada com um propagador dos ideais antissemitas. Passou a tomar conta dos manuscritos e da produção intelectual de seu irmão. E dessa forma, Elizabeth Nietzsche editou arbitrariamente os manuscritos do seu irmão, e publicou (por conta própria) uma versão montada por ela da obra *Vontade de poder*.

Essa obra editada pela irmã de Nietzsche era permeada por um caráter antissemita, algo que seu irmão considerava horrível quando ainda estava bem de saúde. Após a morte do autor de Vontade de Poder.

Por uma interpretação marcada pelas “fraudes” de sua irmã, Nietzsche acabará por tornar-se uma espécie de mentor intelectual do nazismo, imagem essa que fora desconstruída somente após quase 50 anos, com os estudos de “Giorgio Colli” e “Mazinno Montinari”, que obtiveram como resultado a edição e publicação da obra completa do filósofo alemão.

Em 1900, após onze anos de uma vida improdutiva e quase vegetativa, Nietzsche falece aos 56 anos de idade.

2 O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA

Como afirma Osvaldo Giacoia (2000, p. 53-54):

> Assim Falou Zaratustra condensa efetivamente todos os focos de interesse que constituem o âmago do pensamento de Nietzsche: a desconstrução da metafísica, a denúncia da hipocrisia moral, as preocupações com a educação, a política e o destino da cultura, a crítica do Estado. [...]
> No Zaratustra, com a intransigência do profeta, Nietzsche reedita sua crítica a todas as esferas da tradição cultural. O personagem central da obra se faz porta-voz de doutrinas fundamentais para o futuro do homem: a vontade de poder, o eterno retomo do mesmo e o além-do-homem. A ação combinada desses três ensinamentos deverá produzir o desmascaramento e a ruína da hipocrisia que caracteriza a cultura moderna. Por essa razão, o livro pode ser compreendido como uma das mais estridentes recusas dos valores e idéias de que se orgulha o homem moderno. Para ele, Nietzsche cunha a denominação sarcástica "o último homem". [...]

Na obra *Assim Falou Zaratustra* estão expostos os pontos mais importantes da filosofia Nietzschiana, porém assim como afirmamos à cima, na obra *O Nascimento da Tragédia* está contido a base do pensamento do filosofo. Ou seja, os pontos centrais, que levam a compreensão de seu pensamento, assim trabalharemos acerca da obra. Que trata da tragedia, tema tão relevante para o filosofo alemão.

Desde o princípio de sua vida acadêmica empenhou-se acerca da questão do “trágico” e na visão do mundo dos gregos da era “pré-socrática”, que mantinham uma conexão direta entre “pensar” e “viver”. Do trágico, Nietzsche formulou sua própria filosofia, aproximando ao pensamento de Schopenhauer, principalmente, com o objetivo de fazer uma crítica à “cultura moderna”. Considerava o trágico, de onde surge a “tragédia grega”, como uma necessidade para a superação do “pessimismo” ou niilismo. Ele queria entender porque uma “espécie de gente” – “a mais bem sucedida, a mais bela, mais invejada” – e especial no seu modo de vida tinha “necessidade da tragédia” (NIETZSCHE, 1996, p. 13-14). A conclusão é apresentada na sua tentativa de “autocrítica”, escrita dezessete anos após da publicação de “O nascimento da tragédia”, quando ele questiona se os gregos daquela época não teriam uma “propensão

intelectual para o duro, o horrendo, o mal, o problemático da existência". Para Nietzsche tratava-se de um sofrimento devido exatamente a toda aquela exuberância e à própria "plenitude da existência", que exigia "o terrível como inimigo" para testar a sua resiliência.

Diz Nietzsche acerca da sua obra (1996, p. 16):

> [...] hoje ele é para mim um livro impossível – acho-o mal escrito, pesado, penoso, frenético confuso nas imagens, sentimental, aqui e ali açucarado até o feminino, desigual no *tempo* [ritmo], sem vontade de limpeza lógica, muito convencido e, por isso, eximindo-se de dar demonstrações, desconfiando inclusive da *conveniência* do demonstrar, como livro para iniciados, como "música" para aqueles que foram batizados na música que desde o começo das coisas estão ligados por experiência artística comuns e raras, como signo de reconhecimento para parentes de sangue *in artibus* [nas artes] – um livro altaneiro e entusiasta, que de antemão se fecha ao *profanum vulgos* [vulgo profano] dos "homens cultos" [...]

Acreditava, que os gregos percebiam a vida como dor, entretanto, ao invés de se lamuriar faziam da vida "arte", justificando, portanto, a dor e de modo consequente a existência, "redimindo a vida". Aí se dá a importância da tragédia grega. A tragédia deve ser entendida originariamente como "fenômeno", e não, todavia, "intelectualmente" como proposição de um conceito. O meio para obter essa compreensão ocorre no entendimento de que a tragédia nasce da "vicissitude" dos dois "impulsos fundamentais da natureza", o "apolíneo" e o "dionisíaco". Logo no início de *O nascimento da tragédia* o filósofo já chama a atenção daqueles que tentarem compreender a tragédia grega através da "intelecção lógica": não terão sucesso, afirma, pois ela está ligada a uma "introvisão" – de acordo com a nota de rodapé: a tradução corrente desta palavra, "intuição", perde a referência visual, embora conserve o significado de conhecimento imediato" (1996, p. 146) – de que a tragédia provém da composição do dionisíaco com o apolíneo. Para Nietzsche a "(…) compreensão do fenômeno dionisíaco nos gregos – oferece a primeira psicologia dele, enxerga nele a raiz única de toda a arte grega" (NIETZSCHE, 2009, p. 60). Pois só como fenômeno estético podem a existência e o mundo justificar-se eternamente (NIETZSCHE, 1996, p. 47).

O "dionisíaco" foi um "fenômeno histórico", enraizado na cultura grega, onde o culto a Dionísio era praticado em rituais para os iniciados. Eurípides, poeta trágico grego do sec. V a. C., registrou o culto a Dionísio em "As Bacantes", tragédia em que o próprio Dionísio é a figura principal. Os rituais dionisíacos eram aceitos pelos gregos, apesar de seus aspectos "orgiáticos" (SALES, filho, 2019). Registra Heráclito esse fato no seu decimo quinto aforismo dessa forma: "Se não fosse a Dionísio que fizessem a procissão e cantassem o hino, (então), às partes vergonhosas desavergonhadamente se cumpriu um rito; mas é o mesmo Hades e Dioniso, a quem deliram e festejam nas Lenéias". (HERÁCLITO, 2005, p. 89).

Na “embriaguez dionisíaca” que se experimenta a quebra da individualidade, da individuação. Detalha Nietzsche esses dois fenômenos que integram a tragédia ao afirmar tratar-se de “Uma ‘ideia’ – a oposição entre dionisíaco e apolíneo – transposta para a metafísico; a própria história como o desenvolvimento dessa ‘ideia’; na tragédia, a oposição elevada a uma unidade” (NIETZSCHE, 2009, p. 59-60). Assim Dionísio é retratado por ele como “imagem arquetípica” da vida perene que se renova. Na tragédia os atores usam máscaras que têm como objetivo eliminar a fisionomia individual do ator, que a interpreta. A máscara é como um espelho, onde o espectador se vê no ator e, desse modo projetando-se no personagem que é encenado.

Nietzsche formulou o termo “misteriosofia”, tratando-o como uma sabedoria do “mistério”, que só pode ser entendido pelos iniciados e apenas pode ser experimentado existencialmente e não intelectualmente. Tal experiência existencial nos permite a compreensão da realidade. A compreensão do fenômeno artístico acontece imediatamente, sem a necessidade de uma teoria e ou conceito, e isso ocorre de modo “fisiológico”, “cosmológico” e “psicológico” pela convicção imediata da já citada “introvisão”. Essa concepção encontra-se presente já no primeiro parágrafo d’O nascimento da tragédia, onde Nietzsche (1996, p. 27) afirma:

> Teremos ganho muito a favor da ciência estética se chegarmos não apenas à intelecção lógica mas à certeza imediata da introvisão [Anschauung] de que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionisíaco, da mesma maneira que a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações.

Nietzsche usa da compreensão que os gregos tinham dos seus deuses “Apolo” e “Dionísio”, para pensar o fenômeno da arte que está fundada no “impulso apolíneo-dionisíaco”, ora com predominância do apolíneo nas “artes formais” como por exemplo, a poesia épica e as artes plásticas, noutra através do impulso dionisíaco presente na “música”, na “dança”, na “poesia trágica e lírica”. Esses fenômenos são para Nietzsche pulsões que surgem naturalmente, sem necessariamente haver formação de um juízo, de um conceito. Enquanto fenômenos da natureza, Apolo configura a contenção do limite e da forma, e Dionísio é justamente o seu contrário, ou seja, o fenômeno da dissolução, da quebra e da “perda da individuação”, da individualidade. Em dado momento surge o esplendor da arte apolínea, para ser sucedida – com a quebra do princípio de individuação, que na tragédia nos move a ser outro, transforma-nos no “personagem trágico”, em virtude do poder inebriante da música e da dança da arte dionisíaca – pela força da arte dionisíaca.

A tragédia é uma obra de arte que não é apolínea, e não somente dionisíaca, mas uma “composição” e uma tensão entre as duas. A *Ilíada* é apolínea enquanto “Os cantos de Safo” e

a poesia de “Píndaro” são dionisíacos. O dionisíaco, sendo o contrário do apolíneo, é a perda dos limites, o que implica na ausência da forma, visto que o dar limite a um objeto é a sua forma. Em contraposição, o que distingue uma coisa da outra é o limite. Apolo é o deus do limite, da forma, e, dando forma, ele faz “aparecer”. Refere-se ao deus da imagem, entretanto, não da imagem empírica, e sim da “imagem do sonho”, que é intensa, é a imagem da imagem empírica em sua perfeição, é a realidade levada à perfeição, o seu esplendor, posto que ele é o deus do sol. Quando esses dois deuses se unem, o que se constitui na forma apolínea é o próprio dionisíaco. Diante disso, a experiência dionisíaca do mundo, a “catarse”, o “êxtase”, o “endêmico”, é configurada pela forma apolínea. Em toda tragédia grega trata-se da dor do imponderável, da dor da existência que é frágil, e nela Dionísio é tratado como afirma José Sales: em suas “vicissitudes”, na forma apolínea. A tragédia não é só embriaguez e nem somente lucidez, mas a conjugação, a união das duas coisas que surgem simultaneamente, nunca alternadamente (NIETZSCHE, 1996, p. 27-28).

Nietzsche, ao citar que:

> […] Schopenhauer nos descreveu o imenso terror que se apodera do ser humano quando, de represente, é transviado pelas formas cognitivas da aparência fenomenal, na medida em que o princípio da razão, em algumas de suas configurações, parece sofrer uma exceção. Se a esse terror acrescentarmos o delicioso êxtase que, à ruptura do principium individuationis, ascende do fundo mais íntimo do homem, sim, da natureza, ser-nos-á dado lançar um olhar à essência do dionisíaco, que é trazido a nós, o mais perto possível, pela analogia da embriaguez. (NIETZSCHE, 1996, p. 30)

Discorre sobre a descrição de Schopenhauer acerca da passagem em que um homem em seu barco num mar tormentoso sente-se confiante no seu princípio de individuação, e concorda que o princípio de individuação, algumas vezes, pode sofrer uma exceção que nos faz experimentar o “terror de não se compreender”, que existe na tragédia. Nesse momento o dionisíaco revela-se como uma mistura de terror e êxtase em que não se tem mais a compreensão do seu si mesmo na diferença de todo o resto. Na experiência do dionisíaco não se tem nada que seja aparente. Há então a comunhão do florescimento, uma comunhão universal da natureza no esplendor dessa vitalidade. Agora não é o homem mais o agente da ação, o sujeito não é mais o seu eu, ele agora está subjugado, mas o frêmito da embriaguez do Uno-primordial (NIETZSCHE, 1996, p. 31). Não é mais uma obra do homem – “não é mais artista, tornou-se obra de arte” – mas de uma ação das forças apolínea-dionisíacas que tomam o homem. Aqui a vontade subjetiva é substituída pela força apolínea, que é a força da lucidez e da forma. O apolíneo e o dionisíaco são dois impulsos artísticos presentes respectivamente no princípio de individuação e na quebra desse princípio, como afirma Nietzsche (1996, p.39): “com efeito, quanto mais percebo na

natureza aqueles onipotentes impulsos artísticos e neles um poderoso anelo pela aparência [Schein], pela redenção através da aparência" [...]. Esse "eterno-padecente" pleno de contradição, que é a dor primordial, necessita para sua redenção de uma visão extasiante da aparência, isto é, o dionisíaco para se configurar precisa do apolíneo para se redimir, e assim se configurar nessa "aparência prazerosa" (NIETZSCHE, 1996, p. 39). Como já fora afirmado, não se trata de uma aparência empírica, porém de outra espécie de aparência que encontramos no sonho e que é apolínea e que redime a dor. Há nela um sentido de unidade, um entendimento de totalidade, de criação, a forma do "Uno-primordial" que é dionisíaco.

Na tragédia experimenta-se o prazer da contemplação da aparência da aparência, sendo esse um prazer diferente do prazer sensível, empírico. Nessa o dionisíaco carece do apolíneo para lhe configurar em aparência, uma vez que o apolíneo da forma ao dionisíaco, que não é empírica. O Uno-primordial não tem a retenção da aparência, ele é completamente experiência. O dionisíaco não está no âmbito do aparecer, pelo contrário, ele promove a quebra dessa aparência. O apolíneo por sua vez, está nos versos de Homero, nas descrições mais horrorosas, sem perder o limite a ponto de confundi-los, como acontece na tragédia. Ao afirmar que:

> "Tal como, em meio ao mar enfurecido que, ilimitado em todos os quadrantes, ergue e afunda vagalhões bramantes, um barqueiro está sentado em seu bote, confiando na frágil embarcação; da mesma maneira, em meio a um mundo de tormentos, o homem individual permanece calmamente sentado, apoiado e confiante no principium individuationis [princípio de individuação]". Sim, poder-se-ia dizer de Apolo que nele obtiveram a mais sublime expressão a inabalável confiança nesse principium [...] (NIETZSCHE, 1996, p. 30)

Continua a passagem afirmando que é possível caracterizar Apolo como "a esplêndida imagem divina do principium individuationis", do qual os olhares e os gestos falam de todo prazer e toda sabedoria da "aparência", por sua beleza. Isso ao citar Schopenhauer, onde o mesmo descreve o imenso terror que apodera o ser humano quando "é transviado pelas formas cognitivas da aparência fenomenal". Nietzsche quer dizer que o real é o mar dionisíaco, e que se deve sentar na canoa apolínea e atravessá-lo. No princípio de individuação estamos protegidos da turbulência desse mar, mas com ruptura deste experimenta-se "o delicioso êxtase". Por essa razão a redenção é alcançada ao fazer-se representar a dor artisticamente na tragédia, em que, ao se falar da dor, fala-se poeticamente, transfigurando-a em arte. Enquanto na *Iliada* vimos a sangrenta luta de Aquiles, no qual Homero detalha a morte de Héctor quando "Aquiles, ali, finca a lança, quando, fulo, Héctor o investe. A ponta fura-lhe o pescoço, mas o bronze não rompe a traqueia" (HOMERO, 2015, p. 377), não se sente a perda do princípio de individuação, aja visto que se trata de uma descrição apolínea, simplesmente contemplamos

aquela dor na imagem. Por isso não sofremos, ao contrário, pois "…a imagem de Aquiles enraivecido é para ele apenas uma imagem cuja raivosa expressão desfruta com aquele seu prazer onírico na aparência" (NIETZSCHE, 1996, p. 45). Chama a atenção para o fato de que a perda do princípio de individuação é o excesso, afirma ele: "Aqui nada há que lembre ascese, espiritualidade e dever, aqui só nos fala uma opulenta e triunfante existência, onde tudo que se faz presente é divinizado não importando se é bom ou mal" (1996, p. 36). Sendo o culto dionisíaco um culto de excesso, a plenificação da desmedida citando Prometeu e Édipo (NIETZSCHE, 1996, p. 37) e a punição de Prometeu por não ter seguido a máxima de Apolo, "nada em demasia", uma vez que não teve medida no seu amor pelos humanos, sua punição decorre de ter roubado o fogo, prerrogativa divina, para beneficiar os homens. Édipo, por sua vez, foi castigado pela sua desmedida sabedoria, além da sabedoria humana.

De acordo com ele, o grego percebia que o dionisíaco não era só aquela imagem "titânica" e "bárbara", porém o próprio fundamento do real, e que "Apolo não podia viver sem Dionísio! O 'titânico' e o 'bárbaro' eram, no fim das contas, precisamente uma necessidade tal como o apolíneo" (NIETZSCHE, 1996, p. 41). Apenas assim, defronte a brutalidade titânica/dionisíaca da natureza, os gregos conseguiram construir uma civilização tão apolínea. O princípio apolíneo é uma força da natureza, não somente para gregos, mas é um princípio de constituição de toda realidade, a saber, a forma, a imagem, o aparecer. Há, contudo, um outro princípio da natureza, o dionisíaco, como um princípio da vida que excluí o princípio de individuação, um sofrimento primordial, a dor que nos faz sofrer. No princípio de individuação não se sofre, visto que estamos resguardados por esse princípio. Somente quando o perdemos é que ficamos expostos ao sofrimento do Uno-primordial. Isso ocorre por causa da união da música dionisíaca com o coro, a dança e a poesia épica dos personagens. Fez-se a junção da música que propicia uma embriaguez dionisíaca e a poesia do coro dançante. No momento em que os expectadores estão embriagados nesse transe dionisíaco, entra em cena o personagem com a imagem e fala apolínea. O público ouve então e percebe a forma apolínea na embriaguez dionisíaca. É por isso que na tragédia não nos limitamos a entender somente a história de Édipo, ou de Antígona, ou de Prometeu, não obstante, compreendemos ali o princípio da realidade como sendo essa tensão entre o dionisíaco e o apolíneo. A partir disso justificamos a dor quando a transpomos esteticamente. Assim ao invés de lamentarmos a dor, passamos a considerá-la como uma "plenificação" da existência como fenômeno estético. Desse modo, como fenômeno estético a dor não é mais sofrimento, entretanto pelo contrário, regozijo, plenitude e transformação.

Afirma Nietzsche logo no princípio do seu quinto capítulo:

> Aproximamo-nos agora da verdadeira meta de nossa investigação, que visa ao conhecimento do gênio apolíneo-dionisíaco e de suas obras de arte ou, pelo menos, à compreensão intuitiva do mistério dessa união. Neste ponto perguntamos agora, de imediato, onde se faz notar primeiro, no mundo helênico, esse novo germe que se desenvolveu em seguida até chegar à tragédia e ao ditirambo dramático" (NIETZSCHE, 1996, p. 42).

Define a união entre o apolíneo e o dionisíaco como sendo algo misterioso. Assim como já afirmamos anteriormente, não se trata aqui de um conhecimento, uma via de compreensão, que pode ser entendido, de certeza, mas de um mistério que só pode ser alcançado através de uma iniciação. Pode se encontrar na tragédia euripidiana *As bacantes*, uma referência ao culto, aos mistérios dionisíacos logo na primeira estrofe onde o coro afirma:

> Oh! Bem-aventurado o ditoso que conhece os mistérios divinos, purifica a sua vida, participa com toda a alma no tíaso, faz as bacanais nas montanhas com santas purificações, celebra as orgias de Cíbele, a grande mãe, e, brandindo o tirso, coroado de hera, presta culto a Dionísos. (EURÍPIDES, 2011, p. 43).

Tal iniciação ao mistério da união do apolíneo com o dionisíaco reside na experiência do seu acontecimento, da sua travessia, no caso na tragédia. Por essa razão Nietzsche vale-se da compreensão intuitiva, a já citada introvisão. Não é o caso de uma compreensão lógica, todavia de uma visão imediata, não mediada pelo exercício da consciência. que propõe:

> Temos agora de recorrer à ajuda de todos os princípios artísticos até aqui discutidos, a fim de nos orientarmos no labirinto, pois é assim que devemos designar a origem da tragédia grega. [...] Essa tradição nos diz com inteira nitidez que a tragédia *surgiu* do coro trágico e que originariamente ela era só coro e nada mais que coro". (NIETZSCHE, 1996, p 51, 52).

Acredita que de todos os que falaram da tragédia, nem mesmo Aristóteles, conseguiu compreender qual é a sua origem. Aristóteles afirmava que a tragédia não era a imitação dos homens, mas das ações e da vida – tanto a felicidade como a infelicidade estão na ação, e a sua finalidade é uma ação e não uma qualidade: os homens são classificados pelo seu caráter, mas é pelas suas ações que são infelizes ou o contrário – aliás, eles não atuam para imitar os caracteres, porém os caracteres é que são abrangidos pelas ações. Desse modo, os acontecimentos e o enredo são o objetivo da tragédia e o objetivo é o mais importante de tudo. É necessário que o enredo seja estruturado de tal forma que quem ouvir a sequência dos acontecimentos, mesmo sem os ver, se arrepie de temor e sinta compaixão pelo que aconteceu, ou seja se coloque no que fora encenado.

A discrepância com o Estagirita está no que concerne ao papel do coro e da música na tragédia. Para Aristóteles o coro e a música na tragédia eram aspectos secundários, pois "o coro deve ser considerado personagem" (ARISTÓTELES, 2004, p. 60), para ele o essencial da tragédia era o

diálogo, os personagens, a poesia épica propriamente dita, enquanto que para Nietzsche, era a música e por conseguinte o coro. Para este, a tragédia era o desdobramento da poesia lírica de Arquíloco que “a investigação erudita descobriu que foi ele quem introduziu a canção popular [Volkslied] na literatura e que lhe cabia, por causa deste feito, aquela posição única ao lado de Homero, na apreciação geral dos gregos” (NIETZSCHE, 1996, p.48).

Era, portanto, de uma poesia musical, desdobramento da poesia lírica dos cultos dionisíacos através dos ditirambos, cantos de louvor ao deus grego Dioniso, que de acordo com Nietzsche (2009, p. 87), era a linguagem do “espírito portador do mais pesado destino”. Dessa forma, os ditirambos foram perdendo sua função religiosa, dando origem à tragédia grega. O coro que se envolve visceralmente na tragédia se emocionando e interagindo com a representação, insuflando (instigando) os espectadores com seu canto e sua dança. O espectador, por sua vez, não somente assiste a tragédia passivamente, sendo afetado pelo que é representado à sua frente. As máscaras como tratamos acima, são usadas na tragédia para anular as feições do ator, e assim fazendo, servem como espelho pelo qual cada espectador se projeta. Nesse êxtase dionisíaco, o espectador sente-se em cena, se projetando a tal ponto de se sentir como se fosse o próprio herói trágico, partilhando de seus tormentos e suas dores. Como trata Aristóteles: “Os sentimentos de terror e pena, às vezes, decorrem do espetáculo cênico; em outras ocasiões, porém, vêm do ordenamento que se dá às ações” (ARISTÓTELES. 2004, p. 52). O terror é precisamente o “páthos” da proximidade que identifica o personagem com o espectador que se efetua no dionisíaco. O coro trágico, compreende-se na cena e se sente como que está testemunhando “existências vivas”. “O coro das Oceânides acredita ver efetivamente à sua frente o titã Prometeu e considera a si próprio tão real como o deus em cena” (NIETZSCHE. 1996, p. 53). Ao citar a revelação que obteve Schiller acerca do “o famoso prefácio à Noiva de Messina, onde o coro é visto como uma muralha viva” (NIETZSCHE. 1996, p. 53-54), reconhece a ideia do filosofo, que considera o coro fundamental porque produzia um efeito satírico da vitalidade daquilo que estava acontecendo, levando os espectadores não ficassem passivos, como nas plateias modernas, mas sentirem-se de verdade numa cena real. Para Nietzsche pode-se compreender a verdade por meio da arte.

Para ele onde a poesia é mais verdadeira precisa se proteger naquela muralha em que Schiller afirmava que o coro produzia para que os espectadores não tivessem contato com o homem civilizado, criando-se assim um universo poético onde as coisas são mais reais e mais verdadeiras. Consideravam os gregos que a experiência artística é superior ao conhecimento racional, e que a arte é mais valiosa de que a verdade.

A música para Nietzsche é de extrema importância, e ela resume de certa forma a tragédia, ao passo que, para ele deve haver uma precedência da melodia em relação à letra, ou seja, deve ter uma precedência do dionisíaco em relação ao apolíneo. Primeiro vem a irracionalidade dionisíaca e posteriormente a racionalidade apolínea. A melodia é livre de forma e limite, já a letra tem forma, limite, segue uma lógica.

3 NIETZSCHE E A FILOSOFIA DO ACASO

A filosofia Nietzscheana abrange quatro temas principais que foram distribuídos em suas obras, são eles: a morte de Deus; o nascimento do super homem, a vontade de poder e o eterno retorno onde todos estão interligados pela questão do niilismo que se apresenta como elemento basilar de suas discussões.

O niilismo é a redução ao nada, o aniquilamento, o não a existência. É ponto de vista que considera que as crenças e os valores tradicionais são “infundados” e, que não há qualquer sentido ou utilidade na existência. “Total e absoluto espírito destrutivo”, em relação ao mundo circundante e ao próprio eu, é o pessimismo.

Em Nietzsche é negação, declínio ou recusa, em curso na história humana e na modernidade ocidental, de crenças e convicções — com seus respectivos valores morais, estéticos ou políticos — que ofereçam um sentido consistente e positivo para a experiência imediata da vida.

O Niilismo é uma concepção filosófica baseada na ideia de não haver nada ou nenhuma certeza que possa servir como base o conhecimento. Ou seja, nada existe de fato. E assim se baseia a filosofia do Nietzsche, onde esse vai dar uma proposta de superação do niilismo.

O que perpassa pelo que Deleuze (2007) trata como necessidade do acaso, para esse múltiplo já não é justificável do Uno nem o devir, do Ser. Porém o Ser e o Uno fazem melhor do que perder o seu sentido, ao contrário tomam um novo sentido. Porque, agora, o Uno diz-se do múltiplo enquanto múltiplo (pedaços ou fragmentos), e o Ser diz-se do devir enquanto devir. Tal é a inversão nietzscheana ou a terceira figura da transmutação. Já não se opõe o devir ao Ser, o múltiplo ao Uno (estas mesmas oposições sendo as categorias do niilismo). Ao contrário, afirma-se o Uno do múltiplo, o Ser do devir. Ou então, como diz Nietzsche, afirma-se a necessidade do acaso. Dionísio enquanto o jogador, assim o verdadeiro jogador faz do acaso um objeto de afirmação: afirma os fragmentos, os membros do acaso. Desta afirmação nasce o número necessário, que reconduz o lançamento dos dados. Vejamos, pois qual é a terceira

figura: o jogo do Eterno Retorno. Segundo ele o retornar é o ser do devir, o uno do múltiplo, a necessidade do acaso.

O “Acaso dos fatos”, que diz dá “estupidez dos fatos”, onde afirma não existir “bem” ou “mal”, por isso ele, vai “Além do bem e do mal”, e é sobre isso que pretendemos tratar de hora em diante. Para tal desenvolveremos as bases desse pensamento e como ele funciona.

Dessa forma, tratemos acerca da crítica à ciência, onde o mesmo faz uma crítica às suas bases, a sua forma, e ao seu método. Primero ao método da ciência, que não é tão eficaz quanto se pensa. A Ciência faz uso do método indutivo, que parte da observação do fenômeno, isenta de juízos, coleta padrões, ou seja, cria-se uma teoria, depois faz a generalização, cria uma “lei geral”. Acerca disso, diz Nietzsche:

> A consciência é o último estágio, o mais tardio, daquilo que é orgânico; é, por conseguinte, também o que há de menos acabado e de menos forte. Da consciência provêm inumeráveis enganos que fazem perecer um animal ou um homem mais cedo do que seria necessário, “apesar de tudo”, como diria Homero. Sem a associação conservadora dos instintos, se essa associação não fosse infinitamente mais poderosa que a consciência não haveria regulador: a humanidade sucumbiria sob o peso de seus juízos absurdos, de suas divagações, de seus juízos superficiais e de sua credulidade, numa palavra, de sua consciência: ou antes, não existiria mais há muito tempo. (NIETZSCHE, 2007, p.33)

Aqui, o Nietzsche afirma, o quão a consciência pode ser enganosa, a quando às ciências trabalham por associação de fatos, mostra-se extremamente falha. Ao passo que, mesmo após observar várias vezes o mesmo fenômeno, e esse ainda pode não ser uma “lei universal”. Uma outra possível crítica é acerca da isenção valor, que é praticamente impossível.

Na obra “Ciência”, vai ser trabalhado como funciona e como pode ser falho o método cientifico, afirma: “Não existe afirmação por observação que seja completamente neutra: afirmações por observação são ‘carregadas de teoria’”. (NIGEL, 2008. p. 172)

Além disso, anterior ao cientificismo houve uma série de críticas à filosofia, com o positivismo, pondo em xeque as verdades filosóficas, e como fora supracitado, as verdades religiosas, nunca foram de muito agrado ao Nietzsche, desse modo, chegamos ao cerne do seu pensamento, a “irracionalidade dos fatos”, dessa forma, ao “Acaso”. Para ele, não tem uma racionalidade que explique as coisas, os fatos, e muito pelo contrário, há somente o irracional, o “acaso”.

Vale destacar, que o mal e o bem, estão no mesmo nível segundo o Nietzsche, são ambos são fruto do acaso.

Motivado por Schopenhauer, relata Geovane Reali: “Em Lípsia, Nietzsche leu O mundo como vontade e representação, de Schopenhauer, ficando fascinado.” Afirma ainda, “Só a arte pode oferecer ao indivíduo a força e a capacidade de enfrentar a dor da vida, dizendo sim à vida.”
Em *O nascimento da tragédia* Nietzsche destaca, como sinaliza Reali:

> como a civilização grega pré-socrática explodiu em vigoroso sentido trágico, que é aceitação extasiada da vida, coragem diante do destino e exaltação dos valores vitais. A arte trágica é corajoso e sublime sim à vida. (REALI, p.426, 1991)

A partir disso, assim como Kant concebe o fenômeno que é aquilo que parece ao sujeito, o que pode ser conhecido; e o noumeno, aquilo que não se tem acesso, não pode ser conhecido, por outro lado, Schopenhauer concebe a representação a coisa que aparece ao indivíduo, e a vontade a coisa em si; Nietzsche, por sua vez, traz o “Apolíneo” e o “Dionisíaco”.
O “Dionisíaco” numa perspectiva cosmológica se identifica com esse mundo, e em um olhar psicológico, com o ser humano, em suma, esse mundo é governado pelo dionisíaco, a cultura dionisíaca é irracional. Quando a cultura se caracteriza como apolínea se perde na sua arte e pensa que é a realidade; apolíneo sob uma ótica cosmológica, diz de como a árvore se torna árvore, psicologicamente falando, a perda da consciência e a racionalidade. Desse modo, afirma Nietzsche que esses dois são “pulsões do espirito humano” e, acerca disso ele diz: “Apolo não podia viver sem Dionísio” (NIETZSCHE, 1996, p. 41) De tal modo o verdadeiro espírito humano é o equilíbrio do apolíneo com o dionisíaco.

O conhecimento tratado enquanto virtude, coloca no início o “verdadeiro”, como faz Platão que vê a “ideia” como o mais verdadeiro, a realidade uma cópia e, as imagens, uma cópia da cópia, Nietzsche, porém, põe no princípio o “dionisíaco”, “cego” e “irracional”, desse modo, quando ele surge, forma as coisas, a realidade vem do acaso, usurpação, e a “arte” surge como remédio para esse sofrimento, a arte dá sentido à vida, usar-se-á para suportar o sofrimento, ela nos dá condições de suportar a dor. Segundo Nietzsche:

> O contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionisíaco, da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações. [...]ambos impulsos, tão diversos caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta (...), até que, por fim, através de um miraculoso ato metafisico da ‘vontade’ helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto apolínea geram a tragédia ática (NIETZSCHE, 1996, p. 27)

A realidade é o mais profundo, ocorre por acaso sem racionalidade o que é, que não tem controle, da qual não se pode controlar; diferentemente da personalidade, desse modo, o cristianismo matou o Dionísio que há nos sujeitos, uma vez que enquadrou em seus dogmas o que é em suma irracional, assim, com suas verdades, matou o dionisíaco, sendo que os fatos

são estúpidos, não tem uma racionalidade que os explique. Afirma Nietzche: “Contra a moral, portanto, voltou-se então, com este livro problemático, o meu instinto, como um instinto em prol da vida” [...] (NIETZSCHE, 1996, p. 20), fazendo crítica à moralidade cristã, dizendo dela como “vontade da negação da vida”.

Para compreendermos o pensamento de Nietzsche há que se compreenda primeiramente suas críticas, que desaguam num questionar da filosofia, da religião, e da ciência. Em princípio o “dogma”, que é uma verdade de fé para os cristãos, é na verdade uma árvore sem raiz, se fechou, deixou o que lhe formou, como ele diz o último cristão morreu na cruz, assim se perdeu, é uma árvore de plástico sem vida.

O cristianismo culpabilizou o ser humano, dizendo a ele que o mal que há em sua vida é de sua culpa, ao passo que, ele tem uma culpa. Assim tentam mascarar o acaso, a religião no lugar do acaso coloca o pecado. Afirma Nietzsche em “Vontade de potência. Um ensaio de uma transmutação de todos os valores”:

> Inventa ações que não existem: ações não-egoístas, ações santas; faculdades que não existem: “alma”, “espírito”, “livre-arbítrio”; seres que não existem: os “santos”, “Deus’’, os “anjos”; uma ordem de acontecimentos que não existe, a ordem moral com a recompensa e a punição (uma destruição da causalidade natural). (NIETZSCHE, 2011, p. 163)

De acordo com o Platão, conhecer, é conhecer as ideias, sendo que, para ele o desligamento das realidades sensíveis e a aproximação das realidades intangíveis, das ideias, é a maior virtude, a partir disso, o conhecimento das ideias seria a maior virtude, mas para Nietzsche a arte é mais importante que o conhecimento. Ele encontra nas tragédias equilíbrio entre apolíneo e dionisíaco. Além disso, projetar um mundo perfeito é como uma fuga da realidade é fugir, é negar a vida o dionisíaco.

Com isso, religião, filosofia, ciência, não tem mais verdades, restou só o acaso, o absurdo e esses (filosofia, religião e ciência), tentam enfeitar, colocar em sua gramática o absurdo que governa o mundo que é o acaso.

O Nietzsche vai dizer ainda que qualquer ação não é livre, mas “vontade poder”, de acordo seu pensamento, não existe nenhuma ação, que não seja egoísta. Para Nietzsche todos os processos cotidianos da vida, era atribuído à “Vontade de Potência”, e é também, termo usado para nomear uma de suas obras. São como imagens realidade vontade de potência, vontade de poder, ao olhar para as coisas sem a arte vemos as coisas querendo continuar sendo, isso é à vontade potência, por outro lado, vontade de poder é descrita por Nietzsche como a principal força

motriz em seres humanos — realização, ambição e esforço para alcançar a posição mais alta possível na vida.

Os conceitos “vontade de potência” e “vontade de poder”, são para ele a principal força motriz que move o homem; por outro lado, Nietzsche, afirma que “Vontade de Potência” não é algo que se cria ou se produz. É a realidade “comum” própria da vida, do mundo, e é a vontade de potência “construída”, jamais simplesmente “produzida”, acerca disso, indaga Nietzsche quando faz crítica aos cristãos comentando Schopenhauer: Como é possível negar a vontade? Como é possível o santo? (NIETZSCHE, 2001, p. 51), afirmando não ser possível negar à vontade.

Assim ele está tratando, de onde se situa o homem. E algo que ajuda a exemplificar é a imagem da vela, onde vislumbrando a vela, vê-se a chama e o pavio, o homem está situado no pavio entre a chama e a vela, abaixo está certezas, aquilo que o homem tem de solido, o apolíneo e em cima, a chama que se consome o dionisíaco, a arte dionisíaca abraça vida, mas perde a forma individual; Apolo, a arte apolínea, ganha forma individual, mas nega perde a vida, o “Amor Fati”.

Amor Fati é uma expressão latina que diz do amor ao destino, amor fado. Para o Nietzsche e a filosofia Estoica é a aceitação da vida como ela é integralmente, a aceitação do destino, como ele é mesmo nos seus aspectos mais dolorosos e cruéis, o que só é possível para espíritos mais elevados, é o amor ao acaso. Acaso é necessidade, sem porque, sem fim, sem esperança, o que poderia ser chamado de “pecado”.

Para o filosofo todo ideal é dar um Horizonte, para camuflar o acaso, a dor, assim todo ideal mata Dionísio. Para o Nietzsche o ideal é bom, para ele o ser humano precisa de um ideal, entretanto não é bom quando esse nega o acaso, como faz o ideal Cristão, foca-se numa vida futura, pós morte e não vive a vida, um ideal que não menos presa a vida é que o mantém o Dionísio e Apolo.

Assim propõe abraçar o acaso, que não tem nada a ver com o sofrimento, acaso é acaso, não necessariamente sofrimento, e isso é sempre em relação, mal, bem, prazer. Esta forma de pensar vai além do bem e do mal, supera essas compreensões.

Diante disso, em *O nascimento da tragédia*, vai dizer que a tragédia deixou de ser tragédia quando o coro traz a melodia, drama, letra, poesia. Assim quando Apolo tem uma precedência vem a tragédia, mas quando vem a livre melodia, quando Dionísio vem a frente, a melodia livre, Dionísio, é viva, é vida. Para o Nietzsche resta somente a “inocência do devir”.

> Ou o nosso mundo é imperfeito, o mal e o erro são reais são determinados, absolutos, inerentes à existência dele logo não é o mundo-verdade: logo o conhecimento é apena o caminho para alcançar a negação deste; logo é um erro que como tal podemos reconhecer. E a opinião de Schopenhauer baseada nas hipóteses de Kant. Pascal é mais desesperado ainda: entendeu que o conhecimento também deveria estar corrompido, falsificado, — que a revelação é necessária para compreender o mundo, inclusive em forma negativa (...) (NIETZSCHE, 2011, p. 14)

Por fim, destacamos esse parágrafo de "Vontade de potência", que menciona o mal, já indagando sobre sua existência. Para o Nietzsche o mal nem tampouco o bem, sendo que também entra nessa dinâmica do acaso, ou seja, não tem um ser, é somente inocência do devir. Assim fechamos sua proposta de vencer o niilismo, por meio da cultura grega,

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossos estudos concluímos nosso trabalho enfatizando a compreensão da importância do pensamento Nietzscheano acerca do trágico, bem como dos conceitos de apolíneo e dionisíaco, que não se esgotaram nessa obra, porém pelo contrário, perpassaram toda a sua produção filosófica até seus últimos anos de vida intelectual ativa. Tais ideias contribuíram para a abertura de uma nova fronteira de interpretação filosófica, fazendo sua crítica a cultura ocidental, a partir da gênese da tragédia grega. Assim propunha uma releitura crítica da cultura ocidental fundamentada pela cultura da Grécia Antiga, que teve singular impacto na proposição de uma nova cultura alemã, ao passo que considerava a valorização da certeza moderna falsa e inútil, que não havia compreendido a cultura grega antiga, tinham perdido o rumo, cujos valores vitalizantes ele pretendia resgatar.

Destacamos ainda o apolíneo e dionisíaco como pulsões fundamentais da vida e de extrema importância para o pensamento, sendo que colocam em xeque compreensões rasas da vida e do mundo, levando quem se propõe ao seu estudo questionar sua própria perspectiva acerca da vida. O que era justamente o objetivo do Nietzsche, ao passo que objetivava fazer uma crítica a sociedade, queria por meio da tragédia fazer florescer uma nova sociedade com bases na grega. Assim faz suas reflexões nessa que é sua primeira grande obra.

Em suma, o apolíneo está ligado ao *principium individutionis* o princípio da individuação, é a forma, o limite, por outro lado o dionisíaco é quebra do princípio da individuação, é o oposto do apolíneo. O que ele aplica às artes, sendo que as artes formais estão ligadas à pulsão apolínea e a música, o drama e a tragédia são dionisíacos.

Para Nietzsche essas duas pulsões governam o mundo, bem como às artes. Entretanto em última análise quem governa é o dionisíaco, afirma que a vida é irracional, não é possível enquadrar em padrões racionais ou lógicos a vida de tal forma que é um absurdo a vida e assim faz-se necessário, ao perceber tal realidade, fugir criando um mundo de aparências ou abraçar a vida tal como ela é, abraçar o dionisíaco, o que ele nomeia como amor fati, amor ao acaso da vida.

Segundo o pensador ou crio um mundo das aparências, enquadrado pela pulsão do apolíneo, como o fazem os cristãos que criam um conjunto de regras morais, que negam a vida, negam o dionisíaco ou abraço tal como ela é.

A partir dessas concepções buscava fazer uma critica a sociedade moderna que matou o dionisíaco. Na Idade Média havia forte o cristianismo que com sua moralidade, como supracitado, negava a vida, e na época em que viveu Nietzsche no século das Luzes, o Iluminismo com sua busca e crença na razão criaram uma estrutura que negava Dioniso. A solução encontrada é que por meio da tragedia cênica, tomemos consciência e abracemos a vida, fazendo um processo de se colocar no lugar do personagem trágico e nisso de ir se percebendo, se colocando na peça que é encenada, vamos tomando consciência da vida tal qual é na realidade e poder-se-á aceita-la.

Crendo na importância de se pensar sobre essa irracionalidade criativa, que também manifesta a contraindicação de herança recebida de moralidade, a contraindicação e também da impotência de uma compreensão de moralidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Gabriela. **Apolo e Dionísio – A questão da Arte no Horizonte de o Nascimento da Tragédia de Nietzsche**. São João Del Rei: Revista Vozes do Vale: publicações Acadêmicas, 2016. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2016/09/Gabriela. Pdf> Acesso em 01 de junho de 2021.

ARISTÓTELES. **Poética – Organon – Política – Constituição de Atenas**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2004. (Coleção os pensadores).

EURÍPIDES. **As Bacantes**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Editora 70, 2011.

FIGAL, Gunter. **Nietzsche: uma introdução filosófica**. Trad. de Marco Antonio Casanova. Mauad Editora, 2012.

FRIEDRICH, Nietzsche. **A Gaia Ciência**. Trad. de Paulo Cézar de Souza. Editora Schwarcz – Companhia de Bolso, 2012. Disponível em:

<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80195. pdf> Acesso em 26 de maio de 2021.

____. **A Genealogia da Moral**. Trad. de Paulo Cézar de Souza. São Paulo: Editora schwarcz – Companhia de Bolso, 2007

____. **Ecce Homo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Schwarcz – Companhia de Bolso, 2009.

____. **O Anticristo**. Trad. de Artur Morão, p. 39, 1888. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/nietzsche_friedrich_o_anticristo. pdf. Acesso em 24 de maio de 2021.

____. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. São Paulo: Editora Schwarcz – Companhia de Bolso, 1996.

____. **Vontade de potência. Um ensaio de uma transmutação de todos os valores**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

GIACOIA, Osvaldo Júnior. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000

GILLES, Deleuze. **Nietzsche**. Lisboa: Editora 70, 2007

HERÁCLITO. **Os Pré-Socráticos – Fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2005. (Coleção Os pensadores).

REALE, Geovane. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia vol. III Do romantismo aos nossos dias**. São Paulo: Paulos, 1991.

WARBURTON, Nigel. **O básico da filosofia**. São Paulo: José Olympio, 2008.

SALES, José Filho. **Nietzsche e "O Nascimento da Tragédia"**. Blog do Seu Zé, 2019. Disponível em:

<Nietzsche e "O nascimento da tragédia". – Blog do Seu Zé (blogdoseuze.com)>. Acesso em 15 de outubro de 2021